

Preventório Educandário Afrânio de Azevedo: o isolamento de crianças estigmatizadas pela hanseníase em Goiás na década de 1940.

Kalya Ynanhiá Silva de Faria¹

Resumo:

Em Goiás a partir da década de 1930, o isolamento e controle dos doentes de lepra/hanseníase, iniciou-se com as construções do leprosário Colônia Santa Marta, do preventório Educandário Afrânio de Azevedo - objeto desse artigo - e do dispensário na cidade de Anápolis. No preventório Educandário Afrânio de Azevedo, os internos recebiam a assistência e educação necessária até a maioridade. A pesquisa busca os discursos construídos sobre a necessidade do isolamento e na “prevenção” do contágio da lepra/hanseníase aos filhos nos preventórios, a partir das legislações e documentações que estabeleciam as normas a serem seguidas por tais instituições, bem como dos discursos modernistas, higienistas e eugênicos.

Palavras chaves: Lepra/hanseníase, Isolamento, Preventório Afrânio de Azevedo.

Abstract:

In Goiás from the 1930s onwards, the isolation and control of leprosy/leprosy patients began with the construction of the Colônia Santa Marta leper colony, the preventive Educandário Afrânio de Azevedo - the subject of this article - and the dispensary in the city of Anápolis. In the preventive Educandário Afrânio de Azevedo, the inmates received the necessary assistance and education until they reached adulthood. The research seeks the speeches developed about the need for isolation and about the “prevention” of the contagion of leprosy/leprosy for children in preventive institutions, from the legislation and documentation that established the norms to be followed by such institutions, as well as from the modernist, hygienist and eugenic discourses.

Keywords: Leprosy, Isolation, Preventório Afrânio de Azevedo.

75

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás, Professora Adjunta do Departamento Multidisciplinar dos Anos Iniciais - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE /Universidade Federal de Goiás - UFG.

Introdução

A profilaxia da lepra/hanseníase² no Brasil, a partir da década de 1930, foi pautada pelo isolamento e se estruturou na construção das colônias/leprosários, nos dispensários e nos preventórios. As colônias e ou leprosários recebiam os doentes diagnosticados com a lepra/hanseníase os escondendo da população em geral. Os dispensários controlavam os comunicantes e possíveis doentes, aqueles que porventura tivessem alguma ligação com os hansenianos e os preventórios, instituições que recebiam as crianças filhas dos doentes e que não apresentassem sintomas ou marcas da doença. Essas três instituições compreendiam a tentativa de combater a hanseníase no recém Brasil republicano, que se erguia impulsionado pelos discursos higienistas de modernização. Locais esses que foram vítimas da desinformação e descaso dos governos.

Para entendermos os processos envolvidos nas construções e nos discursos que envolveram a profilaxia da lepra/hanseníase no Brasil a partir da década de 1930 foi necessário analisar os decretos, regulamentos nacionais e estaduais acerca do combate a lepra/hanseníase bem como das políticas assistencialistas voltadas para a infância. A partir da análise documental, entender os conceitos de higiene e eugenia foram fundamentais para a construção da pesquisa. Nesse sentido, as análises da documentação referentes ao Preventório Afrânio de Azevedo e dos demais preventórios no Brasil tiveram o corpo como o principal objeto de reflexão.

Já era consentido entre Governo, medicina e assistência que o isolamento para o doente de lepra/hanseníase era a melhor medida profilática a ser adotada no país. O que entrava em debate era a necessidade do isolamento dos filhos sadios dos lázaros, visto que o isolamento das crianças que apresentassem qualquer sintoma da doença era garantido nas colônias/leprosários. A “Primeira Conferência Nacional de Assistência aos Leprosos”³ que aconteceu no Rio de Janeiro no ano de 1939, foi palco para definir e formatar a organização e importância dos preventórios (CURI, 2002.p. 137).

A necessidade de se criar preventórios para abrigar somente os filhos dos leproso veio da dificuldade em se encontrar qualquer outra instituição de amparo à infância que aceitasse receber os que eram chamados por Eduardo Rebello, como “suspeitos” propensos a doença visto o período de incubação do bacilo. Os filhos sadios dos leproso carregavam o estigma dos pais doentes, eram conhecidos pelos relatos dos casos ou pelo sobrenome e por isso impedidos de serem internados em orfanatos ou colégios.⁴

A dificuldade em encontrar uma alternativa de acolhimento aos filhos sadios fazia com que os pais ou os responsáveis pelas crianças, que estivessem doentes se recusassem a

2 Para os doentes portadores do bacilo *Mycobacterium leprae* utiliza-se o termo “leproso” associado a nomenclatura adotada a partir da década de 1970 “hanseniano”, nesses mesmos termos é nomeada a doença “lepra”. Os termos adotados são os leproso/hansenianos e lepra/hanseníase.

3 A “Conferência para a Uniformização da Campanha Contra a Lepra” foi organizada pela Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e pela Defesa Contra a Lepra, que tinham como idealizadora Alice Tibiriçá (1886-1950), que para além das causas ligadas a assistência aos leproso/hansenianos se dedicou também as causas feministas, sendo presidente da Federação de Mulheres do Brasil em 1949. Publicou o livro “Como eu vejo o problema da Lepra” em 1934. Fonte: Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2000.

4 Primeira Conferência Nacional de Assistência Social aos Leprosos, 1940, Rio de Janeiro. *Anais Tema III Do Preventório Anti-Leproso sua organização e seu funcionamento.* p. 10.

realizar o tratamento adequado, ou mesmo permanecesse nas colônias/leprosários onde as fugas nesses casos eram frequentes. Outra preocupação para a sociedade e para o governo era o tempo que esses menores deveriam ficar internados. Destarte, foi estabelecido que os preventórios abrigaram os menores até a idade de doze anos, mas, o que seria feito desse menor após esse período de internação? E os maiores de doze anos que tivessem seus pais diagnosticados com a doença, o que seria feito deles? Perguntas como essas ecoavam nos debates com o governo e com a sociedade.

A preocupação dos pais acerca do futuro dos seus filhos era também uma preocupação das atividades assistencialistas e médicas. Se o risco permanece até os 20 (vinte) anos, qual a dificuldade em acolher esses “suspeitos” durante o início da maioridade? Outro ponto é a discussão sobre a delinquência para os meninos e a prostituição para as meninas que não tiverem o contato com suas famílias. Se não tiverem com quem lhes ensinar “o menino, vai para a rua, escola da vagabundagem, que o prepara para a cadeira”; e “a menina resvala na prostituição” sofrendo o estigma da sociedade. E por último ponto a se observar é o problema que se pode ter ao internar em colégios ou internatos junto com crianças sadias os filhos de lázaros que conviveram por anos com os doentes e que como já foi observado são “suspeitos” de carregaram o bacilo que pode ficar em período de incubação por até 7 (sete) anos.⁵

O espaço que abrigaria essas crianças e jovens filhos da lepra deveria seguir algumas definições para superar o estigma da doença como a necessidade de se construir longe da colônia/leprosário para evitar a associação da doença aos internos. Ademais deveria conter pavilhões para administração, dormitórios para meninos que fossem separados dos dormitórios das meninas, pavilhões médicos, refeitórios, berçários, lavanderia, granja, área para prática de agricultura, entre outros. Cada espaço a ser construído não deveria ostentar de “luxo”, apenas dar o conforto necessário para que a criança se sentisse amparada e pudesse se preparar para a vida fora da instituição.

Para além de definir a estrutura física dos preventórios, o “Regulamento dos Preventórios Para Filhos de Lázarus instalados no Brasil” estabelecia que as meninas deveriam permanecer até os 18 anos na instituição e os meninos até os 15 anos ou quando de sua morte, doença de lepra, pela idade, casamentos ou boa colocação social. Os artigos que se seguiam contemplavam a necessidade de uma equipe administrativa, um médico-clínico pediatra; um médico dermatologista-leprólogo; um dentista; uma enfermeira nutricionista; um educador e um agrônomo ou capataz rural. Os demais artigos do Regulamento, definiam a função de cada um dos profissionais que deveriam atuar na instituição, as especificidades acerca da admissão dos internos, da economia interna dos preventórios onde toda venda de produtos provenientes das atividades dos estabelecimentos deveria ser aplicada em melhorias para boa comodidade dos menores.⁶

Mesmo após todas as discussões no final da década de 1930, acerca da necessidade e importância da construção dos preventórios, a lei que fixaria as medidas profiláticas de combate a lepra/hanseníase só foi sancionada em janeiro de 1949.⁷ A Lei 610/49 definia

5 Regulamento dos Preventórios para Filhos de Lázarus instalados no Brasil, 1941, Rio de Janeiro. p. 4 *et seq.*

6 Regulamento dos Preventórios para Filhos de Lázarus instalados no Brasil, 1941, Rio de Janeiro. p. 5 *et seq.*

7 A Lei de número 5,511 foi sancionada em 15 de outubro de 1968.

como principal medida de combate à doença o isolamento dos leprosos e o auxílio social e médico aos seus comunicantes e filhos. Destacam-se, deste os seguintes artigos:

Art. 15. Todo recém-nascido, filho de doente de lepra, será compulsória e imediatamente afastado da convivência dos Pais.

Art. 16. Os filhos de pais leprosos e todos os menores que convivam com leprosos serão assistidos em meio familiar adequado ou em preventórios especiais.

Art. 26. As crianças comunicantes de doentes de lepra, internadas em preventórios ou recebidas em lares, será proporcionada assistência social, principalmente sob a forma de instrução primária e profissional, de educação moral e cívica, e de prática de recreações apropriadas.⁸

O artigo 15 e 16 eram claros em relação ao isolamento e separação das crianças saudáveis de seus pais doentes, muitos antes mesmo do primeiro contato físico. Ao chegarem nos preventórios ou educandários, essas crianças deveriam receber assistência social, médica e educacional.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é apresentar os discursos construídos sobre a necessidade do isolamento dos pais em colônias e na “prevenção” do contágio da lepra/hanseníase aos filhos nos preventórios. As dificuldades encontradas remontam ainda à discriminação e ao preconceito que o estigma da doença é visto pela sociedade até os dias de hoje. Esperamos resgatar no registro das vozes desses “apartados” vítimas de políticas públicas que os utilizavam em trabalhos desde a mais tenra idade.

Preventório Afrânio de Azevedo

A construção da nova capital do Estado de Goiás teve amparo no discurso⁹ sanitaria do então Interventor Pedro Ludovico Teixeira. A construção da nova capital deveria atender aos aspectos que eram tanto criticados por Ludovico. A saúde passa a ser a representação da nova capital, Goiânia. Para resgatar normas de salubridade¹⁰, é importante pensar em uma mudança urbanística e arquitetônica. É nessa concepção de uma cidade salubre que vai se concentrar parte do discurso de mudança de capital. O discurso mudancista buscava a construção de uma cidade com ruas largas, prédios, uma visão ampla que proporcionasse horizontalidade, em uma região plana, com aspectos climáticos, hidrográficos e topográficos favoráveis.

Com efetivação da transferência da capital da Cidade de Goiás para a região próxima a Campininha das Flores, instituições de controle e promoção da saúde são pensadas para compor o ideal de salubridade da nova capital. A construção do Leprosário Colônia Santa Marta e do Preventório Afrânio de Azevedo apoiavam o discurso modernizador e sanitaria

⁸ Lei de número 610 sancionada em 1949.

⁹ Para conseguir efetivo apoio da população para a transferência da capital, Pedro Ludovico vai se utilizar dos principais jornais do Estado, que davam voz as preocupações médicas e as questões geográficas como o clima, a topografia e a hidrografia da cidade que eram vistas como desfavoráveis. Além das questões sanitárias, os jornais eram palco de embates políticos envolvendo a transferência da capital, entre os opositores e aqueles que apoiavam a transferência. (FERNANDES, 2003, p.73-75)

¹⁰ Segundo Michel Foucault Salubridade e insalubridade são o estado das coisas e do meio enquanto afetam a saúde e a higiene pública.

que justificava a transferência da capital, e que neste ponto oferecia credibilidade às medidas profiláticas de controle da lepra em Goiás na década de 1930. Para além disso, a criação do Leprosário e do Preventório, outros três dispensários também foram construídos no Estado de Goiás. O preventório foi uma iniciativa da Sociedade Goiana de Assistência aos Lázarus e de Defesa contra a Lepra.

A região escolhida para se construir o preventório na nova capital do Estado de Goiás foi o Morro do Além, conhecido por ser uma região longe do Centro Cívico da nova capital e que abrigava no início da década de 1940 poucas casas e estabelecimentos comerciais. A região e sua vista panorâmica da cidade permitiam aos seus moradores acompanharem o progresso da nova capital e perceberam o progresso dos novos tempos.

A instituição recebeu o nome em homenagem ao fazendeiro mineiro Afrânio Francisco de Azevedo e foi uma iniciativa da Sociedade de Assistência aos Lázarus com o apoio do Interventor da capital Pedro Ludovico Teixeira. Orçado em mais de 600 contos de réis, em 1941 contava apenas com parte desse valor, sendo 50 contos de recursos do Governo Federal e 150 contos oferecidos governo municipal. Com o baixo orçamento a então Presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázarus, Eunice Weaver,¹¹ em visita ao Estado de Goiás decide organizar várias comissões para percorrer o Estado em busca de auxílios que possibilitassem a realização do preventório/educandário.¹²

Para gerenciar o processo de arrecadação de recursos para a construção do preventório foi criada uma Comissão Executiva da Construção do Preventório de Goiânia, que tinha como principal aliado Venerando de Freitas¹³ e a própria Eunice Weaver. Essa comissão foi a responsável pela primeira reunião de discussão acerca das etapas de construção e arrecadação de recursos para o combate à lepra em Goiânia, realizada no Automóvel Clube no dia 26 de novembro de 1941. Tendo sido pré-estabelecido a formação de 06 (seis) grupos para arrecadação de subsídios, o montante total foi o de 28:618\$300.¹⁴ A quantia arrecada, somada ao recurso disponibilizado pelos Governos Federal e Estadual em um total de 178:618\$300, ainda não era o suficiente para a construção das instalações do educandário da cidade de Goiânia. Nesse sentido, nesta reunião, foi proposta uma aliança com as lojas maçônicas do Estado, que segundo Jaime Câmara “jamais ficou indiferente a qualquer campanha patriótica ou filantrópica”.¹⁵ A assistência aos leprosos no Brasil, bem como a assistência às crianças foi marcada pela prática assistencialista caritativa e filantrópica.

O assentamento da Pedra Fundamental do Preventório foi uma cerimônia marcada “por toda pompa e glória”¹⁶ que tal ocasião poderia oferecer, estando presentes a elite da sociedade goiana, a presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázarus Eunice Weaver, o Interventor do Estado Pedro Ludovico Teixeira e representantes dos

¹¹ Eunice Weaver (1902-1969) Formada em Educação Sanitária foi responsável pelo cuidado aos hansenianos no Brasil. Recebeu a Ordem Nacional do Mérito em 1950 e o Troféu Damien-Dutton. Publicou três livros, “Vida de Florence Nightingale”, “A Enfermeira” e “A História Maravilhosa da Vida”.

¹² Jornal O Popular, matéria publicada em 27/11/1941.

¹³ Venerando de Freitas foi o primeiro prefeito da Cidade de Goiânia no estado de Goiás, foi também jornalista e escritor brasileiro.

¹⁴ Jornal O Popular, matéria publicada em 30/11/1941.

¹⁵ Jornal O Popular, matéria publicada em 30/11/1941.

¹⁶ Jornal O Popular, matéria publicada em 07/12/1941.

governos Estaduais e Municipais. Noticiada pelo Jornal O Popular, a pedra fundamental foi assentada as 18 horas do dia 05 de dezembro de 1941, em um terreno doado pelo Governo, nas imediações de Goiânia.

A inauguração da instituição e no que compreendia em um prédio de dois pavimentos no estilo Carville, estilo padrão das construções dos leprosários e preventórios do Brasil, dividido em zonas de observação e zona residencial, sendo organizado em dormitórios femininos e masculinos, berçário, banheiro, refeitório, quartos para os funcionários e área de lazer. (SOUZA-ARAÚJO, 1948)

O preventório Educandário Afrânio de Azevedo construído em dois pavimentos teve em seu projeto arquitetônico espaços pensados para acomodar as crianças, jovens e os responsáveis por eles, distribuídos em berçário, dormitórios, salas de aula, banheiro, cozinha e refeitório. Analisando o local onde foi construído o educandário,¹⁷ verifica-se que do lado de fora da instituição havia um jardim, com árvores frutíferas e de grande copa, tornando-se para o clima da capital como um bom refúgio para os dias quentes e um espaço ideal para atividades ao ar livre.

Entrando no preventório ao lado direito da entrada se encontra a Secretária, uma mesa grande imponente com uma cadeira que lembra um trono são os primeiros moveis que se destacam na sala em que se encontra a diretora. A decoração é simples, alguns quadros nas paredes, algumas cortinas amareladas e objetos pessoais, do lado direito uma janela dava para o jardim, no lado esquerdo uns armários guardam os documentos da instituição, as fichas dos alunos, guardam a história da casa. Ao fundo da sala um ambiente parecido com um almoxarifado, um ambiente escuro que exalava respeito e/ou medo.

Segue-se um pequeno corredor para ter acesso às primeiras salas que eram usadas como salas de aula. Ao lado das salas ficava o refeitório e no fundo do refeitório a cozinha. Defronte as salas de aula, um único banheiro de uso coletivo era apelidado pelos alunos de “chiqueirão”. Do banheiro, seguindo o corredor em frente as salas de aula têm-se o acesso à escada pelo lado direito. As escadas levam ao segundo pavimento do educandário onde se encontram os dormitórios femininos e masculinos, além de um quarto para as funcionárias.

Figura 1 - Vista do Preventório Educandário Afrânio de Azevedo em sua inauguração em 1943



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heraclides-Cesar de. História da Lepra no Brasil, Rio de Janeiro, 1948.

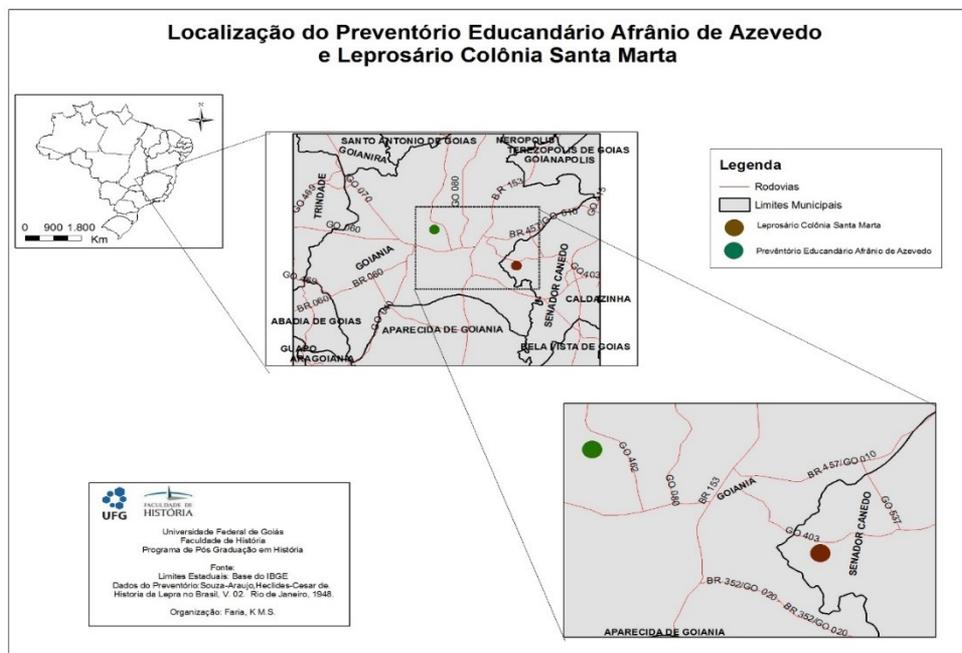
¹⁷ Diante da falta de documentação encontrada no Educandário Afrânio de Azevedo a análise arquitetônica foi realizada na própria instituição através de constantes visitas.

A inauguração do Preventório Afrânio de Azevedo era o início do processo que os filhos dos lázaros estavam fadados a sofrer. Mesmo com regulamento próprio, bem como, as leis de apoio; o descaso e o descumprimento de leis serão frequentes nos anos que se seguem.

Uma característica que se observa no terreno doado para a construção do preventório é a sua distância até o leprosário Colônia Santa Marta, localizada na fazenda Senador Canedo no quilometro 08 (oito) da rodovia Estadual GO- 403, a Colônia ficava distante 15 quilômetros. Essa distância era uma das recomendações de construção dos preventórios/educandários como tentativa de distanciar o estigma que a lepra/hanseníase carregava.

A figura 2 representa a localização das duas instituições. Entendendo que na década de 1940 as poucas estradas que existiam eram precárias, percebe-se grande dificuldade de deslocamento entre a colônia e o preventório. Mesmo sendo afastados das mães no nascimento, impedidos de se amamentarem, algumas visitas eram permitidas. O que causava certa tensão no trajeto, feito muitas vezes a pé ou de animais.

Figura 2. Mapa de Localização do Preventório Educandário Afrânio de Azevedo e Leprosário Colônia Santa Marta



Fonte: Faria, 2014

As crianças nascidas no leprosário Colônia Santa Marta, eram levadas para o preventório Educandário Afrânio de Azevedo logo após o nascimento. Não podiam ter nenhum contato com suas mães doentes, que por sua vez não podiam amamentar seus bebês. Essa separação era definida pela profilaxia da Lepra e pelo regulamento das instituições. Ao saírem do leprosário os recém-nascidos eram levados para o preventório e examinados pelo médico do local, ficavam em isolamento por um período de até 15 (quinze) dias, para observação e realização de exames até que não demonstrasse nenhum sinal da doença. Passado esse período de isolamento, os bebês podiam conviver com outras

crianças, mas se apresentassem algum sintoma da doença a criança era encaminhada para o leprosário.

Figura 3 - Propaganda do Educandário Afrânio de Azevedo.



82

Fonte: BRITO, Sebastião Mendonça de. Dados Históricos sobre a campanha contra a lepra em Goiaz. Revista Educação e Saúde. n. 29-30. Secretaria de Estado de Educação e Saúde de Goiaz. Imprensa Oficial. Goiânia, ago.-set. 1946, p. 52.

A figura 3 é uma propaganda do Educandário Afrânio de Azevedo, com os dizeres “Assim acolhe hoje o Estado de Goiaz as crianças vindas dos lares de hanseanos”, na imagem percebe-se duas crianças sendo acolhidas nos braços de uma funcionária do Educandário, possivelmente vindos do leprosário Colônia Santa Marta.

As crianças nos berçários permaneciam até a completarem entre dois e três anos, então eram levadas para os dormitórios no piso superior, onde eram cuidadas pelas internas maiores. A estrutura física dos preventórios era padronizada, os berçários deveriam ter berços em madeira, um colchão e roupas de camas iguais. O ambiente deveria ser iluminado aproveitando os raios solares e grandes janelas para uma boa ventilação. Deveriam ser, portanto, ambientes higiênicos.

Os berçários dos preventórios eram espaços ocupados pela assistência caritativa das Irmãs de Caridade e das senhoras da Sociedade de Assistência aos Lázaros. A SAL permitia a presença das irmãs de Caridade como uma força de auxílio e apoio a instituição mantida que era mantida por doações. A Revista Oeste que circulava na capital na década de 1940 e 1950, destaca em reportagem a dedicação de senhoras caridosas e solidárias

as criancinhas do Educandário “Afrânio de Azevedo” [...] entregues aos cuidados de senhoras bondosas de nossa sociedade e sob a proteção da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra. [...] Ali estava a presença de espírito da caridade humana, da solidariedade, do consolo maternal, de tudo enfim que possa parecer com os ensinamentos pregados pelo Cristo quando de suas peregrinações pela Judéia.¹⁸

A figura 4 ilustra a reportagem da Revista Oeste que destaca importância da caridade das irmãs e das senhoras da sociedade goianiense. Na figura, temos crianças em diferentes idades ao atento olhar caritativo.

Figura 4 - Internos Preventório Educandário Afrânio de Azevedo em 1944.



Aspecto da maioria da população infantil que recebe assistência no Preventório “Afrânio de Azevedo”

Fonte: Revista Oeste. Reprodução fac-similar de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944. Goiânia, Universidade Católica de Goiás – Caixa Econômica Federal, 1983

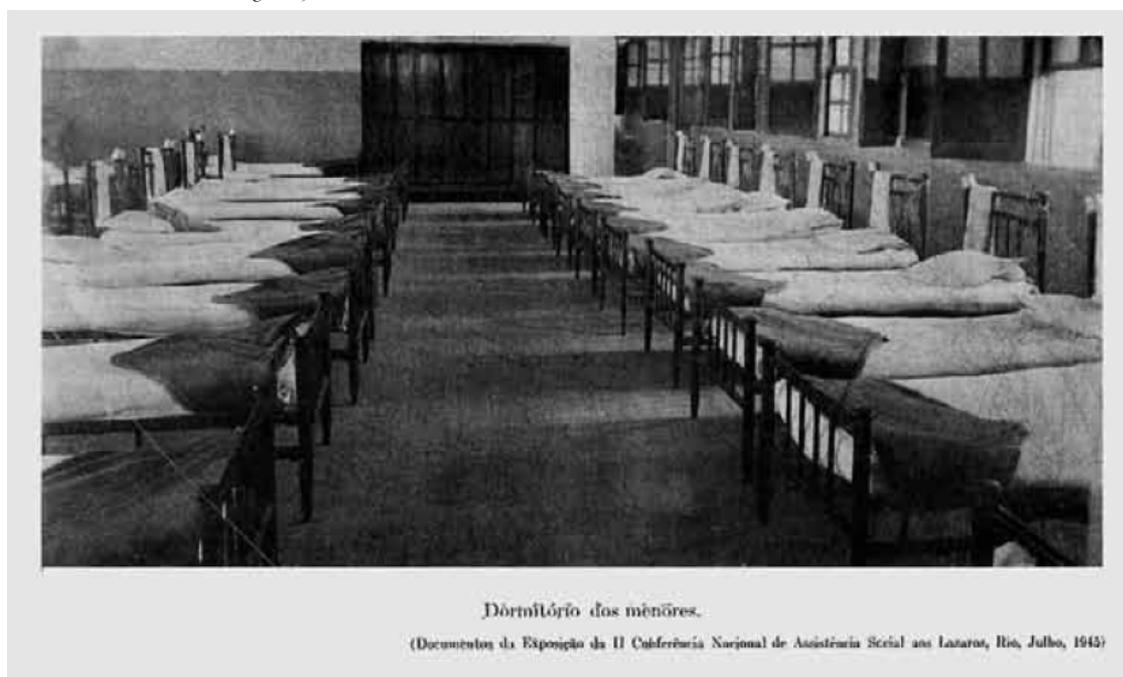
Pensado de forma a controlar a higiene física e moral dos internos, os educandários preferiam o sistema de dormitórios separados, ao invés dos dormitórios coletivos, herança dos patronatos e das instituições para os menores desvalidos. Os dormitórios coletivos tinham como grandes problemas a “exposição contaminadora” pelo elevado número de pessoas em um mesmo ambiente. (GOFFMAN, 1974,p.31). Outro elemento a se pensar nos educandários acerca da não utilização dos dormitórios coletivos era no que se refere a higiene física e moral. Aproveitar o pouco espaço para os dormitórios em sua maioria por

¹⁸ Revista Oeste. Reprodução fac-similar de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944. Goiânia, Universidade Católica de Goiás – Caixa Econômica Federal, 1983.p. 463

questões econômicas tornava o ambiente insalubre e promovia a promiscuidade entre os internos, mesmo com a constante vigilância (CONCEIÇÃO, 2008, p. 5).

Subindo as escadas estão os dormitórios, o feminino localizado a direita da escada e o masculino a esquerda, entre eles o quarto das funcionárias. A noite as portas dos dormitórios permanecem trancadas para evitar fugas ou comportamentos fora dos padrões da moralidade.¹⁹ Como modelo padrão os dormitórios tinham camas dispostas lado a lado de forma a otimizar o espaço e de aproveitar melhor a iluminação que as janelas organizadas ao longo do quarto proporcionavam. Os pertences eram colocados em armários compartilhados. A figura 5 é uma imagem do dormitório das crianças menores. As camas padronizadas feitas em madeira, bem como as roupas de cama e os poucos pertences que podem ser avistados. Ao fundo um armário, e ao longo das paredes grandes janelas.

Figura 5 Dormitório do Preventório Educandário Afrânio de Azevedo.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heraclides Cesar de. História da Lepra no Brasil, Rio de Janeiro, 1948.

Os dormitórios masculinos seguiam o mesmo modelo, com leitos individuais feitos de madeira e dispostos lado a lado. A estrutura e organização da instituição com as devidas divisões entre os dormitórios dos meninos e das meninas, as funções de cada interno com a rotina diária do preventório incidia para além dos princípios higienistas como também o controle das crianças e jovens. Segundo Foucault, instituições como os preventórios tinham a noção de que “ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil” (FOUCAULT, 1997, p. 117).

¹⁹ Revista Oeste. Reprodução fac-similar de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944. Goiânia, Universidade Católica de Goiás – Caixa Econômica Federal, 1983.

Quando finalizavam o ensino primário os internos do preventório eram encaminhados para a Fundação Abrigo de Menores Abandonados²⁰ (FAMA). Fundada em 1949 com o apoio da Loja Maçônica Liberdade e União de Goiânia, a instituição abrigava crianças abandonadas ou que vinham do Preventório Educandário Afrânio de Azevedo com o intuito de lhes ensinar um ofício. Mesmo tendo apoio dos governos municipais e estaduais, a FAMA foi criada como uma instituição de caráter assistencialista apoiada pela maçonaria goiana.

Cada criança e adolescente encaminhados para a FAMA deveriam apresentar documentos de identificação e um responsável, no caso dos internos do Educandário a diretora era a responsável. Aqueles que não apresentassem responsáveis eram apadrinhados por um membro da Associação. Os internos do preventório e da FAMA se encaixavam no perfil de indivíduos que apesar de não possuírem educação advinda da família, eram vistos como corpos a serem modelados e aproveitados como mão-de-obra industrial. Na FAMA recebiam os ensinamentos do ginásio, do colegial e oficinas de aprendizagem como cursos de serralharia, lavanderia, agricultura, gráfica, selaria, entre outros

A disciplina pregada e posta em prática pelas instituições como o Preventório Afrânio de Azevedo e a Fundação Abrigo a Menores Abandonados, através das rotinas de estudo e trabalho foram vistas como uma forma de controlar e modelar essas crianças e jovens para o futuro, para além dos muros das escolas. Como já foi posto, sem uma profissão esses jovens estariam fadados a um futuro incerto.

Embora a assistência oferecida as crianças fossem direcionadas para o ensino profissional e ao acolhimento, percebemos que pouco foi feito em relação à segurança dos alunos nas oficinas, tais como, a falta de vestimenta e calçados adequados para o uso cotidiano e para o bem-estar dessas crianças marcadas pelo infortúnio e pelo preconceito da sociedade.

Foram os corpos dos internos do preventório treinados para se fazerem capazes de obedecer e responder ao que se esperava da mão-de-obra do Brasil republicano, que almejava seu processo de industrialização. A educação, assim como a formação profissional desses jovens preventoriais era uma alternativa de enquadrá-los na sociedade e da utilização de sua força de trabalho para a industrialização e crescimento do país.

É oportuno ressaltar que se não fosse essas instituições, não saberíamos ao certo o que teria havido com tantos desvalidos, enjeitados e excluídos pelo confinamento dos doentes de Hansen na Colônia Santa Marta. Quantos lares desfeitos, quantas crianças que não foram abandonadas por seus pais, mas, colocadas à margem da sociedade numa época em que a lepra-hanseníase já poderia ser controlada com medicamentos e não pela exclusão.

²⁰ Em 1969 se denominou Fundação de Assistência a Menores Aprendizes e em 1996 Fraternidade e Assistência a Menores Aprendizes.

Fontes

ARQUIVO ORGANIZAÇÕES JAIME CÂMARA

- A campanha para a construção de um Preventório em Goiás. *Jornal O Popular*, Goiânia 27/11/1941.
- Assistência aos Lázaros e Defesa contra a lepra. *Jornal O Popular*, Goiânia 30/11/1941.
- Campanha contra a Lepra neste Estado. *Jornal O Popular*, Goiânia 04/12/1941.
- Assentamento da Pedra Fundamental do Preventório e Fundação da Sociedade de Assistência aos Lázaros. *Jornal O Popular*, Goiânia 07/12/1941.

ARQUIVO FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

- Regulamento dos Preventórios para Filhos de Lázaros instalados no Brasil, 1941, Rio de Janeiro.
- LIMA, Saboia. Proteção à Infância Desvalida. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- A Organização dos Serviços de Proteção à Infância no Brasil. Rio de Janeiro, 1935.
- Serviço Nacional da Lepra. Tratado de Leprologia, v,1, tomo 1, Rio de Janeiro, 1950.
- WEAVER, E. (1949), “Os preventórios do Brasil no momento. A razão dos Preventórios” (mimeo). Fundação Getúlio Vargas. Botafogo – Rio de Janeiro.

86

ARQUIVO FRATERNIDADE DE ASSISTENCIA A MENORES APRENDIZES

- Estatuto Social da Fraternidade de Assistência a Menores Aprendizizes, 2002 e 2010.
- Arquivo Iconográfico.
- Ata de Fundação da Fundação Abrigo de Menores Abandonados.

BRASIL, Coleção de Leis do Brasil, 1902, v. I/II, p. 289-290. Decreto nº 4.463, de 12/07/1902.

BRASIL, Coleção de Leis do Brasil, 1904, v. II, p. 205-284. Decreto nº 5.156, de 8/03/1904.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. Goiânia/Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1942 p 125

FEDERAÇÃO DAS SOCIEDADES DE ASSISTÊNCIA AOS LÁZAROS E DEFESA CONTRA A LEPROLOGIA. (1939), *Anais da I Conferência de Assistência Social aos Lázaros*. Rio de Janeiro: Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

- ----- (1943), *Uma campanha de solidariedade humana e interesse nacional*. Rio de Janeiro: Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

- ----- (1946), *Anais da II Conferência de Assistência Social aos Lázaros*. Rio de Janeiro: Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

MORHAN (Movimento de Reintegração das Pessoas atingidas pela Hanseníase). *Dossiê a História dos Filhos Órfãos de Pais Vivos no Brasil*. Rio de Janeiro, 2010.

OESTE. *Reprodução fac-similar de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás – Caixa Econômica Federal, 1983.

SOUZA-ARAÚJO, H. C. de (1933), “Plano geral de campanha contra a lepra no Brasil”. *In.: Revista Médica-Cirúrgica do Brasil*. a. XLI, n. II, novembro.

- ----- (1948), *História da Lepra no Brasil. Períodos Colonial e Monárquico. 1500-1889*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Vol.1.

- ----- (1948), *História da Lepra no Brasil. Período Republicano (1889-1946)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Vol. 2.

- ----- (1948), *História da Lepra no Brasil. Período Republicano (1890-1952)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Vol. 3.

87

Referências Bibliográficas

ARIES. P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.

BRITO, S. M. Dados Históricos sobre a campanha contra a lepra em Goiaz. *Revista Educação e Saúde*. n. 29-30. Secretaria de Estado de Educação e Saúde de Goiaz. Imprensa Oficial. Goiânia, ago.-set. 1946, p. 52.

CONCEIÇÃO, J. T. Dormitórios coletivos: uma característica de pedagogia de internar no ensino agrícola federal Brasileiro (1934-1967). *Anais Sociedade Brasileira de História da Educação*. Aracaju, 2008.

COSTA, D. F. A. C. *Entre Idéias e ações: medica, lepras, políticas públicas de saúde no Brasil (1894-1934)*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.

CURI, L. M. “Defender os sãos e consolar os lázaros”. *Lepra e solamento no Brasil. 1935/1976*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

----- *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013.

FREITAS, L. C.B.F. Goiânia: lócus privilegiado da saúde. *In.: (Org) Saúde e doença em Goiás: A medicina possível*. Goiânia: UFG, 1999, pp. 239-289.

FREITAS, M.C. *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GRONDA, J. G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. *In.*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000.

LENHARO, A. "A Militarização do Corpo". *In.*: LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: UNICAMP, 1986, 75-105.

SANGLARD, G.P. *Entre os salões e o laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas*, 2005. Tese. (Doutorado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005.

SCHWAECZ, L.M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA ARAÚJO, H. C. *A História da lepra no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1948. v. 3.

SOUZA, R. F. *A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira*. Caderno Cedes, ano XX, n 52, novembro/2000.

STEPAN, N. L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

TRONCA, Í. *As máscaras do medo: lepra e aids*. Campinas: Unicamp, 2000.